

# *PROSA & VERSO*



*2018*



**José Huguenin**  
*(Organizador)*

# **PROSA & VERSO 2018**

**1ª Edição**

**Volta Redonda – RJ**

**AVL**

**2018**

2018© Academia Volta-redondense de Letras

2018 © Vários autores

Foto da capa: Nikson Salem

Blog Turismo Vale do Café

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Letras, Academia Volta-redondense de

Prosa & Verso 2018 / Academia Volta-redondense de  
Letras / Vários Autores .-- 2018.

141p. ; 21 cm

ISBN: 978-85-69545-06-4

1. Coletânea de Poemas. 2. Coletânea de Prosa. I. Título.

CDD:808.81

---

Patrono: Manoel Bandeira

Presidente: Mércia Christani

Vice-presidente: Vicente Melo

Coordenação Editorial: José Huguenin

## SUMÁRIO

Apresentação..... 7

José Huguenin

Abertuta: A chaminé.....9

Nelita Teixeira

Prosa .....13

Verso .....63



# APRESENTAÇÃO

Com muita satisfação entregamos aos leitores a **Antologia Prosa & Verso 2018**, o terceiro livro da **Coleção Prosa & Verso**, cuja missão é registrar e tornar acessível trabalhos literários e acadêmicos dos membros da AVL.

A organização deste livro, pode-se dizer, foi coletiva uma vez que a estratégia de escolha dos textos foi convidar os atuais membros a escolherem textos de sua autoria. O leitor tem em mãos textos que os autores desejaram partilhar neste registro.

Fazemos uma homenagem especial à Acadêmica Nelita Teixeira, com a publicação do seu poema mais icônico: “A chaminé” na abertura do livro. Este poema conta a história de Volta Redonda pela ótica da velha chaminé, remanescente da Fazenda Santa Cecília que testemunhou o nascimento da cidade do aço. O poema foi dramatizado pela Companhia de Teatral Arte em Cena, dirigida pela diretora teatral, Acadêmica Stael de Oliveira.

Os textos em **Prosa** são diversificados, havendo contos, muitos deles recentemente escritos, o que dá a coletânea ares de

novidade. Também são apresentadas crônicas e um ensaio. Já os textos em ***Verso*** apresentam desde reflexões filosóficas à homenagens a Volta Redonda.

Podemos ver exuberância e agudeza nas obras aqui apresentadas. Só nos resta desejar uma boa leitura!

Volta Redonda, outubro de 2018

**José Huguenin**  
***Coordenador Editorial da AVL***

# Abertura:

## “A chaminé”

Nelita Teixeira

Região de muita terra!  
Um rio, montanha e prados;  
Aqui viviam dois povos,  
Os Puris e os Coroados.

Nessa imensa região,  
Outrora sertão “bravio”,  
Depois mui ricas fazendas,  
De café era o plantio.

O gado e as plantações,  
O progresso ia chegando.  
O engenho de açúcar,

A minha gente empregando.

Quando eu fui construída,

Em 1903

Fui orgulho do meu povo,

Como hoje de vocês.

Assisti a toda mudança.

As ruas sendo calçadas,

Luz elétrica chegando,

Nas casas água encanada.

E o movimento aumentando.

Máquinas pra todo lado,

Mineiros e nordestinos.

Trabalho tinham um bocado!

Perguntei: que será isso?

Que reboição, afinal!

O progresso ali estava:

Siderúrgica nacional.

Tudo foi sendo mudado.

Nem gado, nem café.

Muita coisa derrubada,  
Só eu continuo em pé!

E o povo participando  
Com muita animação  
Por causa da CSN  
Veio a emancipação!

Quem mais marcou seu  
Progresso,  
Foram os trabalhadores.  
Operários conscientes  
De direitos e deveres.

Eles fizeram a história  
Sou testemunha e dou fé.  
Quem lhes fala essa verdade  
É o marco histórico:  
A chaminé.



**PROSA**



# Catarina

Giovana Damaceno

Sou Catarina Medeiros. Tenho noventa anos. Viúva, mãe de quatro filhos, treze netos, três bisnetos. Moro sozinha na estância que construí com meu marido. Por aqui, hoje, só eu e três empregados na casa, que a mantêm em ordem e a mim, até que finalmente, se houver mesmo esse Deus em que tantos acreditam, que Ele se compadeça e me leve embora. Desta casa, saio enrijecida pela morte, que há de me abater em breve, fechar meus olhos para sempre e empedrar de vez este coração que agora resolveu sofrer. Aqui deitarei e dormirei na eternidade, no descanso cego e sem memória, para jamais lembrar o que fui, o que vivi e do que agora choro.

Sou amargura. Nove décadas de luta infinda e meu fim está descrito. Na mais completa solidão e abandono, como se jamais houvesse experimentado companhia alguma, como se nunca tivesse parido. Eis-me aqui nesta varanda, diante da vastidão de minhas terras. É o que me resta: o trono e as posses. Tantos hectares de cultivo, estes jardins faraônicos - sonho de

meu marido -, árvores exóticas trazidas de todos os cantos do mundo, flores raras, esta casa, outras tantas. Pra quê?

O corpo já não se move sozinho, as pernas enrijaram, como se cimentados fossem meus ossos. Da vivacidade de outrora, sobrou um conjunto de carne velha, adoecida e esmaecida, entregue até o fim à ação implacável do tempo. Este tempo que me lembra a todo momento que não sou mais a senhora desta morada, a dona de tudo e de todos, com toda a autoridade que eu mesma me vestia para submeter quem quer que fosse. Agora meus joelhos não me sustentam de pé; o tremor de minhas mãos não me permite erguer o dedo em riste; os pés que pisavam forte no assoalho de madeira e que causava pavor nos serviçais e nas minhas crianças, não se mantêm plantados no chão - não fico de pé e nem caminho sem ajuda. Mandeí tirar o espelho do meu quarto. Não vejo mais o reflexo do que me transformei: uma figura frágil, raquítica, dependente, velha. Infelizmente, resta a mente sã, lúcida, a memória límpida de tudo o que me alegrou e que me entristeceu nesta existência que tanto demora a findar.

Ó, destino! O quanto desejo a cada cair de tarde que adormeça e não veja o dia tornar a amanhecer. O quanto espero, por um breve momento, que haja realmente um Deus misericordioso, que se apiede de mim e ceife logo esta vida que para mais nada presta. A não ser para amargar a solidão e o

orgulho que tanto ostentei e que, vejo agora, foi o destruidor de minhas alegrias, meus amores, minha saúde.

Longo tempo neste abandono, anos de imobilidade. Eu, logo eu, implacável em impor, apontar, fazer valer tão somente minha vontade e minhas certezas.

Não há mais a quem alvejar com os impropérios da mulher autoritária. Não mais a quem impor minhas vontades e esperar que me atendam. Nem mesmo os empregados; esses apenas toleram e cumprem dia a dia a obrigação de me manterem alimentada, limpa, vestida e medicada. Talvez sintam pena. O orgulho e suas sequelas são dignos de compaixão. Muito dissabor gerado por mim e apenas eu peno.

Porém, não há mais tempo para redenção. Tarde demais para aplacar as mágoas, rancores, dores e sofrimentos provocados por minha falta de lucidez, pela caturrice em me afirmar sempre certa.

Todos se foram. Optaram por viver bem longe, para estarem em paz. Durante muitos anos, não fui capaz de compreender essa escolha. Somente agora, à beira da hora de cerrar meus olhos e mergulhar no nada, quando não há mais o que fazer para que me perdoem e voltem a se aproximar.

Se houvesse outra chance, uma única chance de reencontrá-los para nos reunirmos novamente e assim tentar fazer diferente, quem sabe conseguisse ser menos inflexível. Quem sabe pudesse

ser benevolente, desprendida e complacente. Quem sabe aceitasse as diferenças entre mim e os meus.

Por que nasci? Por que vim a este mundo? Qual o sentido de viver com as garras em cima de minha família para garantir que me obedecessem, que me respeitassem, que se sujeitassem? Completamente dominada por meu orgulho, tinha plena certeza de agir no bem, no rumo correto. Mas, não! Cometi o primeiro dos muitos erros que uma mãe comete: criei meus filhos para mim. Eduquei-os para que me devessem, para que se forçassem a me retribuir algo. Eu os culpei, fiz com que se responsabilizassem por tudo de ruim que me acontecia. Cobrei. Nos meus momentos de maior desvario joguei na face de cada um acusações atrozes. Queria-os todos ao meu redor, adivinhando meus desejos e satisfazendo a todos. Tentei impedir que se casassem e depois, que tivessem seus próprios filhos. Não fui a mãe que dá o colo, que afaga, que consola o choro. Fui fria.

Em nenhum momento da minha trajetória de mãe aceitei que cada um de meus filhos era um indivíduo, cada um com sua personalidade e identidade, pessoas com senso próprio. Padei minuto a minuto desde que fui mãe pela primeira vez. Equivocadamente julguei ser a maternidade uma obrigação. Amava meus filhos, amo-os, mas meu amor é posse. Amo-os porque são meus e assim quis que fosse. No entanto, viver foi sempre tão duro, que dar conta da maternidade foi, sim, tão

somente uma obrigação.

Aos homens, instruí a serem machos, que submetessem suas mulheres, que as tratasse a cabresto curto, para assegurar a manutenção de suas famílias. Às mulheres, ensinei a obrigação pura e simples, com as lides domésticas, em tempo algum o amor à casa, o prazer de cuidar do lar e dos filhos.

Mais um grande erro: criei-os na clara intenção de que me assumissem na velhice. Jamais pensei ou imaginei que tivessem opinião própria, vida própria, desejo de trilhar caminhos diversos ao meu. Pensei apenas em mim, mesmo quando zelava com empenho pelo bem estar de todos.

Minha soberana vontade de manipular, ordenar, conduzir, decidir por eles, intrometer-me na vida de netos e até de bisnetos foi tamanha, que acabei por criar intrigas entre meus filhos. Não contente em ter os caprichos não satisfeitos, delatava um para os demais, sempre à procura de apoio e concordância para meus delírios.

Por fim, nenhum dos quatro falava com os outros e eu, mesmo assim, cega, queria que eles se entendessem, cobrava deles uma atitude que na verdade deveria ser a minha. Louca! Orgulho tão arraigado, não me permitia enxergar que quem causava todos os entreveros era eu!

Minha insanidade não encontrava limite. Em meio a todo o desgaste, não me punha freio. Continuava cultivando

desentendimentos, a ponto de colocar marido e mulher em oposição. E, nesse caso, a maior decepção da minha vida foi vê-los irem embora, aos poucos. A partir desses episódios fiquei doente de verdade e sozinha de vez. Não houve mais retorno para tudo o que fiz. Tanto que fui alertada, tanto que tentaram me abrir os olhos contra meu orgulho, mas me recusava a entender. Não sabia entender e não me encorajava a aprender. Não aceitava que a responsável pela minha desgraça era somente eu. Ainda acreditava que meu poder de mãe era supremo e que todos estavam infligindo uma ordem natural. Todos deviam a mim!

É doentio. E eu nada sabia. E nem sei o que vale essa nesga de arrependimento, também não posso dizer que, caso voltassem, não retomaria as coisas de onde parei. A solidão me abriu os olhos, fez-me lembrar do que me disseram diversas vezes, em fragmentos e em prantos, enquanto eu esbravejava, do quanto sofriam. De que me adianta reconhecer agora? Não terei mais o perdão de ninguém. Eles não virão. Morrerei logo e comigo irá essa culpa. Se acreditasse em algo parecido com o que chamam de Deus ou Jesus, poderia crer que meu arrependimento me levaria ao céu ou um paraíso ou a uma nova oportunidade de me redimir.

Por que você me deixou tão cedo, Inácio? Por que sair de perto quando ainda tínhamos as crianças pequenas e tanto por

fazer nas terras? Era seu maior sonho – o jardim – e mal deu tempo de vê-lo pronto; as árvores não tiveram sua apreciação. Fizemos planos para a estância, a plantação, os animais, nossos filhos. Íamos viajar! Conhecer o mundo!

Você dizia que minha dureza seria muito útil na administração de tudo isso, pois que tinha o coração mole. E soubemos dividir bem as tarefas. Você fazia as contas – não sei fazer contas até hoje, acredita? – e o resto ficava nas minhas mãos. Só eu pra manter o cabresto curto em tantos empregados, trazê-los à obediência sem contestação e o serviço impecável.

Fizemos fortuna rápido, Inácio. Nós dois éramos perfeitos. Eu era perfeita pra você, era seu ponto de firmeza para que pudesse mergulhar em sua imaginação e gozar de seus devaneios. Sem Catarina por perto, o que seria de Inácio? Descobri tarde demais que Catarina sem Inácio era frágil, sem chão, sem o apoio para exercer minha autoridade. Tive de recriá-la e me tornei ainda mais insensível, cega a qualquer obstáculo que amainasse minha responsabilidade dobrada pela estância, nossas crianças e as famílias que dependiam de nós. Tornei-me amargor e solidão, ainda em tempos de casa cheia de filhos. Fui sozinha todo o tempo em que tive de me dedicar e sustentar o sonho que era nosso. Cobrei dos filhos a mesma postura, o mesmo comportamento, as mesmas preocupações, como se deles também fosse o dever de tocar em frente o projeto que era dos

pais.

Mas o que estou dizendo? Agora quem devaneia sou eu, ora! Inácio está morto e sepultado há anos e não pode me ouvir. Sou uma velha decrépita, arruinada pela soberba e pelo remorso.

Não sei de mais. Só sei do que vejo: esta varanda, o jardim a perder de vista, as dezenas de árvores, o clarão alaranjado depois do por do sol atrás das colinas, as andorinhas bailando lá e cá, os empregados da lida externa se recolhendo aos poucos, sapos e grilos anunciando o início da noite. Sinto que o frio noturno se aproxima e começa a gelar minhas pernas, enrijecer ainda mais meus joelhos, que doem de me alucinar. Daqui a pouco precisarei dos remédios e logo Rosa vem trazê-los, junto com um chá e um par de meias, para em seguida me trocar de escuridão: leva-me daqui, acomoda-me na cama e acende as velas. Ficarei olhando os quatro lumes, até que se consumam e nada mais do dia reste.

Quem sabe hoje se apagarão as do quarto e se acenderão outras em torno do meu corpo amanhã. É o que espero. Todas as noites. Há dez anos.

# Epitáfio em três versos

Giovana Damaceno

Onofre foi enterrado às nove horas de uma manhã fria e chuvosa. Alberto, ante o lóculo onde deixaria para sempre o amigo, sentiu a tristeza comprimir o peito. Não pela separação sem retorno, mas pela despedida em dia tão feio. “Onofre merecia partir com céu claro, de azul límpido, sol manso e brisa perfumada”, pensou. Contudo, o destino escolhera a atmosfera densa, cinza, a chuva fina e constante.

No cemitério eram somente Alberto, Celeida, a dona do asilo, Karina, a psicóloga, e os coveiros. Já sem força para andar longa distância, deixaram-no ir de carro até a penúltima aleia, no cantinho à esquerda, onde ficava o mausoléu da família. Onofre fora o remanescente. Alberto acompanhara o sepultamento da mãe dele, única pessoa entre os familiares que conheceu. O amigo se foi mais de vinte anos depois da mãe.

- Não há mais ninguém que vá ocupar lugar neste jazigo – disse Alberto para si.

Desceram do carro com cuidado; a psicóloga ofereceu-lhe o braço. Com os joelhos já tão fracos, o paralelepípedo molhado

era convite ao chão. Sem choro, preces ou qualquer discurso de adeus, apenas os olhares de tristeza e saudade, viram arriar à cova o caixão de luxo pago com antecedência pelo próprio Onofre. Queria sua derradeira casa “linda e confortável”.

Assim foi.

Alberto divagava. Tentava compreender os entrelaces da existência, que levaram Onofre à total solidão, embora tenha feito de seus dias os melhores que pode, por si e por quem privara da companhia dele. Nenhum parente, nenhum outro amigo, nenhum sobrinho, ninguém. E, no entanto, ali estava representado o maior amor dedicado a um ser, amor claramente expresso nos olhares de quem teve a divina graça de conviver com Onofre. Unidos por sentimento igual, permaneceram juntos - Alberto, Celeida e Karina - flores nas mãos, a ver cada placa sendo assentada, o cimento a cobrir as frestas; o assentamento da lápide em mármore, que Onofre também mandara fazer com antecedência.

“...como um bicho, simplesmente,  
De um amor sem mistério e sem virtude  
Com um desejo maciço e permanente.”

Onofre. \*12.01.1931 / +14.07.2017

Sem sobrenome e sem foto. Não adiantaram os insistentes rogos de Alberto e das responsáveis pelo asilo. Ele não

arredou o pé.

- Parem de tentar me convencer. Quero assim e pronto – teimou. Jamais explicou seus motivos. O mármore ficou à espera, guardada dentro do mausoléu. Poderia ter mudado de ideia e encomendado outra. No entanto, está lá, do jeito que quis, sem sobrenome e sem foto.

- Pra que foto, Alberto? Quem vai lá me visitar? Você? Vai querer ir ao cemitério pra olhar minha cara séria naquela moldura antiquada pregada numa sepultura? – perguntou ao amigo, sorrindo.

Tampouco entenderam os três versos no excerto do poema que escolhera para o epitáfio, sem citar a autoria. Onofre era desse jeito. Um jeito só dele.

A chuva fria não deu trégua. Retornaram ao asilo juntos, pois era missão de Alberto cuidar dos objetos pessoais do amigo e queria fazê-lo logo. Outros residentes os aguardavam na grande varanda do casarão; Alberto sentiu certa curiosidade nos olhares, como se quisessem saber como estava o único e leal amigo de Onofre, que morava fora e o visitava religiosamente a cada quinze dias.

Alberto estava bem. Sempre pensara que não se deve esperar do futuro a partir de certa idade. Dos oitenta e seis anos de Onofre, os últimos vinte e três passara no asilo, que todos chamavam de vila, a Vila Primavera, no Rio de Janeiro.

Estabeleceu que seria sua morada definitiva após a morte da mãe, a quem cuidou até o fim. Não teve esposa, nem filhos. Do resto da família, há muito não tinha notícias. Alberto completara oitenta e quatro poucos meses antes do amigo. Viúvo, morava sozinho num apartamento no mesmo prédio que a filha. Além dela, tinha Onofre.

Diante das caixinhas e pequenos pacotes que colocara com cuidado em cima da cama e da escrivaninha, suspirou fundo antes de começar. “Não há para quem deixar nada, é preciso decidir o que fazer”, pensou. Em suas visitas, notara a organização da pequena estante e jamais pensou que fosse ele a se ocupar da vida pessoal de Onofre, trancada naquelas caixas. A filha de Alberto o aconselhou a não assumir tal responsabilidade, o pessoal do asilo ficou em dúvida, por motivo comum: a idade. No entanto, Alberto fez questão.

- Ele só tinha a mim - suspirou de novo.

Recordações retornaram à mente em cada foto, em cada peça de roupa, cartas, cartões de Natal, de aniversário, bilhetes, bilhetes. Receitas médicas, exames, mimos recebidos pelas enfermeiras, alguns poucos livros. O mais novo adquirido da escritora que viera palestrar para os residentes meses atrás.

Alberto recostou na cabeceira da cama e respirou fundo. Ao passo que saiu o ar, deixou cair as lágrimas. Cruzou os braços no peito, como em um abraço, e largou as palavras num

sopro.

- Tanta coisa por dizer... Mas que não seriam ditas, ainda que pudesse fazer voltar o tempo.

Com as mãos trêmulas, enxugou os olhos nas mangas da camisa, recolocou os óculos e se levantou para abrir o armário. Abriu as gavetas, conferindo se havia algo mais que roupas, quando deparou com uma caixa pequena, de madeira. Alberto levantou a tampa e dentro encontrou outro pacote de fotografias. Ali estavam todas as lembranças: desde o dia em que se viram pela primeira vez no baile de carnaval, quando estava com a família no clube e encontrou Onofre no balcão do bar, até reuniões e festas em casa de ambos. Eram dezenas de registros, guardados com esmero e anotados no verso com data e local. No fundo da caixa, um envelope lacrado: “Para Você”. O mundo parou em torno, enquanto Alberto leu:

Rio de Janeiro, 1º de março de 2016

Alberto,

Não sei por que lhe escrevo, se não pretendo lhe entregar esta carta. Talvez pela urgente necessidade de conforto, neste momento. Jamais teria coragem de dizer o que vem por estas linhas. Quem sabe um dia esta lhe chegue em mãos e não estarei

em corpo para vexá-lo com tamanha loucura. Tanta foi minha covardia que não pude olhar-lhe com a verdade do que sinto, não soube usar da voz para confessar-me. Agora que recorro às palavras traçadas, vejo-me incapaz de expressar meu mais profundo desejo. Portanto, escolhi os versos de Vinícius, que tantas vezes repeti serem meus preferidos.

### **Soneto do Amor Total**

Amo-te tanto, meu amor... não cante  
O humano coração com mais verdade...  
Amo-te como amigo e como amante  
Numa sempre diversa realidade

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,  
E te amo além, presente na saudade.  
Amo-te, enfim, com grande liberdade  
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,  
De um amor sem mistério e sem virtude  
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,  
É que um dia em teu corpo de repente  
Hei de morrer de amar mais do que pude.

Do seu,  
Onofre.

# A NOITE DA APOSENTADORIA

Elyane Lacerdda

Passei a tarde de hoje analisando um fato ocorrido com uma amiga, que me deixou pensativa no que se refere à vida, aos momentos vividos com intensidade, aos planejamentos para o futuro.

Minha amiga, Clarice, passou os últimos anos de trabalho, organizando com seu marido, a vida após a aposentadoria. Seus filhos já estavam formados e não moravam mais com eles, desta forma pensavam em comprar uma casa na praia ou na serra, para que pudessem “curtir” mais os dias de “boa vida”!

Ela trabalha na área de saúde e seu tempo para lazer , sempre foi muito escasso!

Passavam muitas noites tomando vinho, comendo queijos , ouvindo música e imaginando o que fariam, pois a cada dia que passava, ficava mais próximo o momento de sentir a liberdade!

Foram alguns anos de muito sonho e idealização, chegaram a comprar realmente a casa tão desejada por eles na praia, onde poderiam curtir o amanhecer e o anoitecer com a natureza ao

redor.

Quando estava na última semana para Clarice se aposentar, seu marido decidiu organizar um jantar para os amigos deles em homenagem a tão sonhada aposentadoria!

Ficaram eufóricos e decidiram fazer um jantar maravilhoso, regado a muito vinho e alegria, todos os amigos confirmaram a presença, e os dois entusiasmados cantavam pela casa e a música era sempre muito alegre, os olhos deles tinham um brilho encantador, a vida aflorava nas veias...era festa interior!

No sábado, tudo estava somando ,para que fosse realmente um sucesso esta noite. Os dois se prepararam, vestiram roupas lindas de verão com cores muito fortes, tão fortes quanto a vida, e desceram para a cozinha bem cedo, Beto que era o marido de Clarice , começou sua tarefa gastronômica com muito prazer e satisfação, sempre teve o dom de apresentar pratos finos e bem decorados, um grande incentivo ao apetite!

Todos chegaram no horário estabelecido e a noite foi um encanto total, Clarice estava radiante, pois daquela noite em diante sua vida mudaria completamente e seus dias teriam outro sabor, não haveria pressa, poderia viver calmamente como nunca! Após o jantar, todos conversaram um pouco e decidiram ir embora, pois já passava da meia noite. Clarice e Beto tomaram um delicioso banho e foram dormir.

Ela abraçou seu marido e agradeceu pela noite maravilhosa, ele

deitou e de repente Clarice só ouviu três respirações fortes e quando chegou perto do marido , não havia mais nada a fazer, ela tentou reanimá-lo, mas Beto já havia partido...um infarto o levava... Imediatamente ela telefonou e pediu uma ambulância e os médicos constataram sua partida.

No dia seguinte, Clarice estava Aposentada!

# CONTO REAL

Mércia Christani

Num recente dia chuvoso, dia de recordações, quando queremos apenas ficar indolentes, curtir uma preguiçinha, os nossos pensamentos, mesmos que não queiramos, nos remete ao passado e vamos vasculhando cantinhos de nossa mente e relembando coisas que há muito já havíamos esquecido.

E foi num desses dias de apenas pensar, recordar, que além de remexer na memória, resolvi remexer também numa velha pasta de poesias e crônicas que tenho desde a infância, quando descobri o gosto de escrever. Lá, achei uma crônica que foi escrita em 1969, e publicada num jornal de Barra Mansa e que transcrevo, pois a relendo, constato que a realidade nada mudou.

Título: Conto Real

Era sábado, início da primavera. Avenida cheia, mulheres recém saídas do cabeleireiro. Carros cheios. Famílias felizes. Véspera de Domingo. Véspera de jogo FLA x FLU. Véspera de jóquei. Véspera de show com Milton Nascimento, Chico Anísio. Domingo do dia de festa. Todos felizes. Nesse burburinho eu o conheci, ou melhor, eu o vi. Andava também na

avenida, passeava sem carro. Não cheirava à loção. Cheirava sujeira, cansaço, abandono. Aproximou-se de alguém e levou um empurrão. Ergueu-se com dificuldade. Pediu para o escutar. Em vão. Continuou o seu caminho. Continuei o meu. Era sábado. Esqueci. Domingo, dia de programa, dia de festa. Voltei à avenida. Vi uma criança na esquina e, ao seu lado um vulto. Aproximei-me. Chorava. Reconheci o vulto. Era ele. O mesmo de ontem. Dormia. A criança chorava. Pensei: irresponsável. Era domingo mas na esquina algo era funesto. Olhei. Continuava imóvel. Aproximei-me, não respirava. Morto. Hoje soube sua história. Morrerá de fome, de cansaço, de buscar emprego. Mas era sábado, início de primavera, véspera de domingo...

# APRENDER A VIVER

## UM DIA DE CADA VEZ

Mércia Christni

Viver um dia de cada vez, é uma tarefa por demais exigente, pois requer muito da alma. E a alma? Ah, a alma! Que emaranhado de caminhos, que emaranhado de mistérios!

Viver um dia de cada vez, e procurar vivê-lo bem, requer muito exercício. Primeiro: a tomada de consciência do incoerente, pois sabemos que somos frágeis mas podemos ser fortes! Segundo: a compreensão de que erramos e os outros também. E o mais difícil, aceitar o outro com suas falhas e erros.

Viver um dia de cada vez, é enveredar por um longo caminho de curvas acentuadas, de retas infinitas, de túneis escuros, de ribanceiras perigosas, mas também de paisagens magníficas, de estradas floridas, de visões de cordilheiras lindamente azuis...

Viver um dia de cada vez, requer o exercício constante de conseguir tirar do nebuloso a luz, vislumbrar o brilho do diamante na embrutecida pedra...

É um exercício impregnado de renúncias, de doação, de aceitação, onde precisamos acolher a maturidade, para que a cada situação

que surja desde o amanhecer, possamos transportá-la com aquela sensação do dever cumprido, quando executamos uma tarefa difícil e vibramos ao conseguir.

Se conseguirmos vencer a manhã, temos ainda a maior parte do dia para viver/vencer: a tarde e noite. E no decorrer, desta maratona/dia, podemos encontrar muitas situações: de alegria, tristeza, onde o diferente se apresenta, onde o controverso surge, e vamos exercitando e descobrindo a toda hora nova faceta de nossa alma, quando praticamos a paciência, quando era hora de esbravejar, exercitamos o perdão quando era hora de odiar, quando amamos, mesmo conhecendo os defeitos.

Se conseguirmos viver um dia de cada vez, praticando esses exercícios, embora a nossa fragilidade, as nossas dificuldades, a nossa misteriosa alma, com certeza, aprendemos e nos melhoramos para viver os outros dias...

# A parede

José Huguenin

Faltava-lhe o ar. Trajado em sua velha armadura de couro, não conseguia se esconder do sol. A triste vegetação mantinha suas poucas folhas estáticas. Vento não tinha. Sombra não tinha. Na garganta apenas a secura da sede e ardência provocada pelo capim seco da beira de onde seria o rio, se lá houvesse água. Na algibeira apenas a esperança de encontrar um cajueiro que fosse.

Ainda estava aturdido com as ofensas do coronel Altamirando por conta de uma rês magra que não encontrara junto com o gado. O velho o acusou de tê-la perdido ou até roubado. Não poderia voltar à Santa Inez enquanto não achasse a bendita. Sua esposa e dois filhos ficaram como reféns sob a mira de um capanga. “*Eita cabra safado! Ainda fujo e sumo no mundo*” - era só o que pensava. Não havia fugido antes pois o coronel o fazia assinar promissórias de dívidas oriundas do acerto de contas que ele, pobre vaqueiro, não conseguia acompanhar. Tinha sempre a impressão de que estava sendo enganado - “*o tal de juro é coisa do diabo*”. Ser cria da fazenda, ter devotado a infância ao trabalho na Santa Inez, ser, a bem-dizer, mais um utensílio da fazenda valiam de nada naquelas horas? Já se achava no desespero. Não sabia

para onde ir. Talvez já tivesse percorrido as fazendas vizinhas - “*Se o dêmo em forma de gente pelo menos me deixasse vir a cavalo.*” Talvez não tivesse mais aonde procurar. Andou cambaleante e mais a frente avistou uma sombra. Firmou os olhos e viu se tratar de uma parede. Uma parede de barro. Talvez tenha sido um dia uma vivenda, quíça um lar, mas hoje era só uma parede velha que oferecia sombra, sossego para depositar lamentações. A exaustão o fez cair tão logo chegou à área sombreada e, de bruços, tombou em sono profundo.

Foi acordado, já a noitinha, por um bando de jagunços. Em seu íntimo entregou-se a Deus. Pediu sobretudo pela família que morreria se não retornasse até o anoitecer. Noite já era. Temeu pelo pior. Espantou-lhe a forma serena com que o chefe do bando indagou por sua história. Ao contá-la, chorou.

- *Diga seu vaqueiro, esta Santa Inez tem muito cabra armado?*

- *Tem não, senhor. O coroné acha que tá longe do barulho e mandou o grosso dos capanga se alistar nas tropa do governo.*

- *Pois então tá resolvido. Vamo buscá tua família. Se o amigo quiser podemo te levá, mais a família, para um lugar que mequetrefe nenhum vai lhe fazer covardia. Vosmicês vão poder viver na paz de nosso Bom Pastor.*

Foram pela caatinga e o chefe dos jagunços ia explicando mais da terra prometida ao vaqueiro. O bando sabia bem onde estavam, pois não demorou muito para chegarem à Santa Inez. Com a ajuda do vaqueiro, os jagunços esgueiraram-se pelos

galpões e com poucos tiros liquidaram os capangas, libertando os cativos. Amarraram o coronel que não morreu a pedido do vaqueiro. Queria que “o *coisa ruim*” vivesse com aquela humilhação. Juntou-se aos jagunços para pegar o quanto podiam. Sabia que não eram ladrões, mas missionários da causa do Bom Pastor. Queimou as promissórias. Libertou-se. Já montado no tordilho do ex-patrão, esporeia com prazer o animal como se este fosse o dono. Rodeia, levanta poeira e como se estivesse às margens do Ipiranga, brada a todos pulmões:

*- Adeus coroné! Tô livre! Vou pra onde sou respeitado, onde o Bom Pastor opera milagre! Viva Antônio Conselheiro!*

Sem olhar para trás, partiu com a família para viver na cidade que se formava, ao encontro do destino trágico que a vida lhe anunciara logo ao nascer. Partiu convencido de que daria sua vida por esta cidade se preciso fosse. Mas aí, já não era sina. Era escolha.



# Ponto de Retorno

José Huguenin

Depois da contagem regressiva o novato pôde compreender os conselhos do comandante. A teoria, na prática, é outra. Uma frase feita que se adequou perfeitamente ao momento. Semanas entregues a exercícios e simulações que prometiam ser fidedignos ao lançamento e o trepidar real da espaçonave pareceu-lhe o dismantelar completo da mesma. Rezou. *Um grande passo para a humanidade* – veio-lhe, novamente, a frase que não saía da cabeça desde sua tenra infância, quando decidiu ser astronauta. Ao sair da atmosfera mais densa, o atrito diminuiu e a navegação ficou mais branda. A separação dos foguetes de primeiro estágio de ascensão ocorreu sem problemas. Meio caminho andado. A viagem ganhava traços de normalidade e a adrenalina diminuía. Pôde deixar os pensamentos mais escondidos dominar sua atenção. Repassada a vida na contagem regressiva, amargurou-se por Clarissa não ter ido se despedir. Eles

não se viam a alguns anos, desde que começou o treinamento para ser o primeiro astronauta de seu país. Porém, ele nunca deixou de escrever e acreditava terem um pacto. Uma promessa. Poderiam não mais se ver, dependendo de como aquela viagem terminasse. Será que as lágrimas derramadas na rodoviária, quando partiu em busca do sonho, eram de raiva por deixá-la e não a comoção do momento?

– Eu volto. Você me espera?

Um balançar de cabeça contrito foi tudo que teve como resposta. E lágrimas, muitas lágrimas, nos olhos cor de dia ensolarado. Por estas lágrimas pensou em descer do ônibus e ficar. Mas deixou-se ir. Agora, no espaço, passado o momento de maior tensão, arrependimento, se batesse, não seria possível aplacar. Estava em um ônibus espacial. Deixar-se ir não era mais escolha. Recriminou-se por pensar em assuntos sentimentais em momento tão crítico. Deveria se concentrar na missão. A missão era um mistério para o novato. Nem ele, nem o comando de seu país esperavam ser chamados tão cedo. Ainda não tinham uma missão, propriamente dita. Seu país fora convidado às pressas para participar daquela viagem à Estação Espacial Internacional (ISS). Alguns estudos que o novato estava treinando para fazer no espaço ficaram para trás. Outros, foram incluídos improvisadamente. Alguém precisava cobrir o orçamento desfalcado pela desistência dos chineses. O maior emergente foi

chamado a se juntar ao seleto grupo de países que mandara cidadãos ao espaço. Não falhou ao chamado, pois cortejava uma vaga de destaque na ONU. Sobre a desistência da China, ouvia-se que era o governo daquele país que estaria se retirando da cooperação internacional por conta de um projeto espacial independente. Todo este tempo eles usaram a cooperação internacional para espionagem tecnológica, comentava-se em tom conspirador. Os astronautas mais experientes achavam que era impossível a China desenvolver um programa espacial independente para lançamentos de aeronaves tripuladas.

– Eles podem lançar satélites, mas tripulação? Onde será a base deles, na ISS? Duvido!

E assim, as horas passavam. Sim, as horas. O lançamento não poderia atrasar mais de um mês e o treinamento se intensificara para o novato. Ali estava ele com os demais. Não fazia muita coisa. Deixava-se ir. Talvez algumas crianças tivessem assistido o lançamento e teriam decidido serem astronautas, assim como ocorrera com ele. *Um passo pequeno para um homem.*

Dois minutos depois da ejeção dos foguetes de propulsão, a tripulação se preparava para o último estágio de ascensão. Os motores do tanque externo seriam acionados para atingirem a órbita. Depois, iriam à Estação Espacial. Quando a segunda etapa deu início, o tanque externo explodiu. Toneladas de combustível produziram um clarão no céu da tarde que pode ser observado

pela plateia em Cabo Canaveral. O alto-comando, em Houston, buscou explicações através da telemetria, mas não encontraram nada suspeito, nada estava errado, tudo dentro das melhores perspectivas. Explodiu e pronto. Isto não fazia sentido. Não detectavam nenhum sinal da nave. Silêncio, apenas. Explodiu e pronto. Uma impotência tomou conta de todos no solo. Só restava aguardar e torcer para que a equipe de recolhimento dos foguetes de propulsão encontrassem a caixa preta. Esta poderia revelar algo. Passados alguns minutos já deveriam tê-la detectado. Silêncio, apenas. As famílias se desesperaram, entraram em pânico. Depois de algumas horas foram levados para um hotel. Apenas umas poucas pessoas ficaram. Entre elas, Clarissa, que se atrasou para decolagem e chegou no momento da explosão.

Neste voo muitas coisas estavam sendo usadas pela primeira vez. O novo combustível, só usado em lançamentos de satélites, em menor quantidade, mostrou um comportamento de expansão muito maior do que nos testes. A inflamabilidade aumentava com o volume, como se pôde constatar. Outro teste importante era a nova camada antitérmica e a fuselagem de adamantano. Estes itens salvaram a tribulação. A explosão não inflamou a nave que, presa ao tanque externo, interpunha entre eles a camada antitérmica. Isto fez com que o calor da explosão não queimasse a nave. A expansão da explosão arremessou o ônibus espacial para fora da órbita da Terra intacta, ou quase,

como se fosse uma catapulta. A nova fuselagem resistiu aos pequenos corpos celestes que se chocavam contra a nave, agora à deriva no espaço. Depois de um tempo desacordados, os tripulantes foram, aos poucos, retomando a consciência. Todos estavam bem, porém, perplexos. Ninguém entendia ou suspeitava o que havia acontecido. Tentativas de usarem os sistemas de comunicação mostraram-se inúteis,

– Houston não responde.

– Onde estamos?

– Nosso sistema de navegação está avariado, vejam - o comandante mostrou a tela que indicava busca incessante de localização. Senhores, precisamos fazer uma inspeção completa e ver o que temos.

A grande preocupação do comandante era o compartimento de carga. Havia algo importante lá. Felizmente, alguma coisa fez com que o compartimento de carga se abrisse tal como deveria ao entrarem em órbita. O resfriamento da aeronave foi suficiente para manter as cargas protegidas. Uma coisa ou outra fora do lugar, mas a preocupação do comandante amenizou quando se certificou que o equipamento, como chamou, estava bem fixo em seu lugar. Foi ordenado que uma dupla fosse ao exterior fazer inspeções. Ao novato, que não treinara procedimentos externos, coube checar os mantimentos e os motores da nave. Três horas depois, os quatro tripulantes estavam

reunidos na cabine de comando para os relatos.

– Comandante, a fuselagem está toda chamuscada, acredito que o tanque externo do segundo estágio explodiu.

– Como pode ser, o procedimento com o novo combustível nunca falhou com os satélites.

– Sabotagem – redarguiu outro tripulante. Os chineses nos sabotaram.

– Você dá muita importância para os chineses. Acha que eles podem nos superar nisso? – perguntou o comandante.

– Se nos explodiram, sim, acho que já nos superaram.

– Bem, se foi isto que aconteceu, a nova fuselagem e proteção antitérmicas passaram no teste. Nos protegeram da explosão que nos arremessou para fora da órbita da Terra. Agora temos que arrumar um jeito de voltar. Os olhos de todos se voltaram para o novato. Este relatou que os motores estavam intactos e poderiam iniciar um procedimento de reentrada, se estivesse perto da órbita terrestre. Para onde apontariam a nave, se não conseguiam saber onde estavam? Os tripulantes mais experientes tentaram, em vão, identificar sua localização. Viam o Sol, mas não era grande coisa. Começaram as discussões sobre os palpites. O novato venceu a timidez e tentou entrar na conversa, dizendo que trazia experimentos que poderiam ajudar.

– Ei, novato, os caroços de feijão que trouxe para crescer no espaço não ajudarão muito – ironizou o astronauta que acreditava

na sabotagem dos chineses e menosprezava a participação do novato.

– Sua hostilidade não ajuda em nada – reprimiu o comandante.

– Bem, eu não trouxe só feijões. Vejam – o novato mostrou um sensor ligado a um pequeno computador – varrendo o espaço com este detector acoplado a um espectrômetro de alta resolução miniaturizado, comparando os espectros medidos com o banco de dados do instrumento, consegui detectar radiação do sol e de mais duas estrelas. Fazendo uma triangulação pude nos localizar, vejam, estamos aqui – mostrou a tela com um ponto vermelho, que indicava a nave, e um ponto azul, que indicava a Terra.

– Que ótimo, o que estamos esperando para voltar? Senhores, vamos preparar a nave para retomada.

– Comandante, tem um problema – disse o novato. Estamos um pouco longe e o combustível não seria suficiente para o regresso. Poderíamos ser atraídos para o Sol. Se ficarmos aqui, divagaremos pelo espaço. Se isto acontecer, considerando nossa dispensa, os feijões serão, mesmo, pouco para nos manter vivos por muito tempo. Entreolharam-se calados.

Na Terra, já não havia esperanças de encontrarem os destroços da nave e as preocupações já eram outras. A China anunciou o lançamento de um ônibus espacial construído em sigilo, de forma independente. Também anunciara a apropriação da estação espacial, com os dois astronautas chineses rendendo o

americano e o russo, que estavam na ISS, e assumiu o atentado contra a missão que explodira. O mundo movimentou-se para a guerra. Mas, com o comando da estação espacial, em um grande golpe cibernético, todos os mísseis instalados nos satélites e em terra passaram ser controlados pela China, da Estação Espacial. Impasse e espera para ver o que a nova potência quereria do mundo, feito refém.

Depois de o novato revelar que não havia combustível suficiente para regressarem, o desânimo abateu os outros três tripulantes, renderam-se ao imponderável fato de ficarem perdidos. Um deles tentou calcular rotas alternativas, mas para todas elas o combustível era insuficiente. Contudo, havia uma esperança entre os experimentos que o novato levava.

– Comandante, eu tinha um experimento secreto para fazer. Diante da situação, os segredos tecnológicos são a última preocupação. Os testes feitos no meu país são promissores. Trata-se de uma nova célula fotoelétrica.

– Olha só, nosso novato quer fazer energia solar para o motor. Que ecológico! Cai na real, seriam necessários painéis gigantes para gerar energia para nos mover – gracejou o emburrado.

– Com as células tradicionais, tem razão, mas não com as nossas. É uma célula feita com materiais nanoestruturados, uma folha finíssima de alta resistência mecânica e térmica. São nanotubos de carbono dopados formando circuitos cíclicos. Este material têm

resistência elétrica praticamente nula. A dopagem das paredes foi sintetizada para que o processo de absorção e relaxação seja muito rápido. Assim, conseguimos uma conversão que beira a 100%. Meu objetivo era fazer o teste com a radiação solar no espaço, que tem maior intensidade. Trouxe material para estudar durante um mês inteiro. Se juntarmos, teremos um painel, que acredito que cubra a fuselagem sobre o compartimento de carga. Se os cálculos estiverem certos, teremos geração de energia suficiente para nos empurrar de volta à órbita da terra, se estivermos na posição certa, entre o Sol e a Terra.

– E como pretende nos colocar nesta posição, ô novato?

– Usamos o combustível que temos para esta primeira etapa. Aí, se você, que é nosso grande especialista em eletrônica, conseguir fazer a ligação entre o gerador das placas e o motor teremos energia para continuar, sem o combustível.

– Quando o combustível acabar, vamos ejetar o quê para nos manter em movimento?

– Oxigênio. Pelos meus cálculos, o carregamento para estação espacial que temos é mais do que suficiente para alcançarmos o campo gravitacional da Terra. Não vamos à estação, mas fazemos diretamente a reentrada.

– Isto é arriscado – interveio o comandante. O Oxigênio pode nos fazer falta. Também, se não conseguirmos chegar ao ponto certo poderemos ser arrastados gravitacionalmente para o Sol e aí

viraremos churrasco.

– Se não fizermos isto, morreremos devagar, sem comida, sem água antes que o oxigênio acabe. Eu não quero passar por uma experiência canibal, provando carne humana crua, ou sendo provado. Prefiro virar churrasco – gracejou, agora, o confiante novato. Todos concordaram.

Começaram imediatamente a pôr o plano em prática. Para aumentarem as chances, abandonaram algumas cargas supérfluas, deixando a nave mais leve, diminuindo, assim, sua inércia. Apenas uma caixa foi não abandonada.

– Não é apenas o novato que tem experiências secretas. Esta caixa fica – sentenciou o comandante. Todos se entregaram ao trabalho. A fixação da manta geradora na fuselagem foi a etapa mais difícil e teve que contar com novato no exterior também. Somente ele sabia fazer as instalações das placas. Não pode deixar de lembrar da imagem de infância do astronauta na lua. Agora ele flutuava no espaço. *Um passo gigantesco para a humanidade.* Dentro de dois dias colocaram-se na rota calculada. Movimento iniciado. Estavam muito perto do ponto em que o combustível acabaria. A tensão aumentou. Olhavam-se interrogativos. Ao ligarem o circuito das placas ao motor o silêncio era total. Os propulsores, movidos à energia elétrica gerada pelas novas células, expeliam o oxigênio, colocado no tanque de combustível vazio. A efusão de abraços e gritos tomou-os quando viram que ganhavam

velocidade em direção à Terra. Agora, era torcer para que as placas resistissem às intempéries do espaço.

– Ei, novato. Afinal vocês fazem mais do que plantar feijões no seu país.

Um sorriso e um gesto afirmativo selaram a paz entre os dois astronautas que viviam trocando farpas. Conseguiram trabalhar no sistema de comunicação durante o retorno. O transmissor estava perdido, mas conseguiram recuperar a recepção. Podiam receber, mas não enviar mensagens.

Foi assim que, sintonizando a frequência de comunicação da Estação Espacial, tomaram ciência da situação na Terra.

– Eu sabia! Estes chineses nos sabotaram!

A tripulação, atenta, ouvia todas as ameaças da China. Os chineses transferiram todos os comandos de lançamento dos mísseis armados para a Estação Espacial, que não poderia ser atacada da Terra. Desta forma, qualquer ato de levante militar de qualquer país seria inócuo e colocava-se este país como alvo exemplar. As lideranças mundiais já cediam em vários acordos que beneficiavam a China e a colocava como a nação soberana em todo planeta.

Como o transmissor estava inoperante, não foi possível a Estação Espacial detectar a aproximação da nave da órbita terrestre. Os radares poderiam confundirlos com algum asteroide. Além disto, estavam compenetrados demais na tensão pré-guerra

para reparar na rota daquele objeto, que ia diretamente para Terra.

– O que faremos?

– Ainda temos a nossa caixa.

O comandante revelou que a caixa continha uma arma geradora de pulsos de radiação eletromagnética ultraintensos. A intenção era usá-los para desintegrar asteroides maiores que pudessem vir em direção à Terra. Era uma defesa contra uma possível colisão com corpos celestes erráticos, existentes aos montes no espaço.

– Somos, mesmo, tão vulneráveis assim? - questionou o novato.

– Mais do que você possa imaginar – respondeu o comandante.

– Ei, você não está pensando em destruir a estação espacial, está?

– Você tem outra ideia? Não conseguiremos chegar à estação, bater a porta e render os chineses. Eles não nos deixariam acoplar. Fazer a reentrada é acabar com a única chance de derrotarmos os chineses. Podemos sobreviver à reentrada, mas teremos que nos render ao comunismo capitalista dos chineses, que dominam pela força.

– Senhor, com todo respeito, é um pouco o que os EUA e a Rússia fazem com países menores e desprotegidos, como os produtores de petróleo do oriente médio – falou o novato em tom temeroso, apesar das corajosas palavras.

– Eu sei. Se conseguirmos acabar com a chantagem bélica da China, destruindo a estação, americanos e russos terão provado

do próprio veneno. Haverá uma chance disto mudar. Depois, precisarão da ajuda de todos os outros países para reconstruir a estação.

– Salvaremos o mundo? Eu não *tô* nem aí! Eu quero é acabar com estes chineses que sabotaram e explodiram a nossa nave! - bradou o astronauta ranzinza.

O comandante foi para o compartimento de cargas com o novato, deixando a cargo dos outros a operação da nave. Prepararam o equipamento. Ao se aproximarem da estação foram percebidos pelos chineses. Tarde demais. Dois pulsos foram produzidos na direção da Estação Espacial que foi destruída, feita em destroços. Na frequência de comunicação de Houston, puderam ouvir os vivas de todos na Terra, sem poder informar que estavam ali. Sem a Estação Espacial e com todos os mísseis inacessíveis, rapidamente a China retirou as tropas de posições de ataque e as colocou em posição de defesa interna. Agora, era o mundo contra eles.

Parte da radiação eletromagnética dos pulsos chegou até Houston e alto-comando soube que somente o equipamento contido no ônibus espacial poderia produzir aquilo. Tentaram contato. Silêncio, apenas. Inferiram que a tripulação estava sem comunicação.

– Tripulação aqui é Houston. Não sei se podem me ouvir, mas estamos preparando os procedimentos terrestres de reentrada.

Podem voltar para casa, meninos.

Iniciaram, então, a volta. Há alguns dias tudo parecia perdido e impossível. Voltar para casa era um sonho distante. Agora, restava saber se toda aquela intervenção na espaçonave não danificara o sistema de aterrissagem. Nova apreensão. O computador de bordo não conseguia dar início ao procedimento automaticamente. A reentrada teria que ser manual. Felizmente o comandante já havia feito isto uma vez, quando desobedeceu o alto-comando. Precisava testar, na prática, o sistema manual, caso o automático entrasse em pane.

– Eu disse ao comandante-geral que um dia poderíamos precisar.

Girou a nave e iniciaram o regresso. Fizeram a aterrissagem no local de sempre, com muita dificuldade, mas a fuselagem e a camada antitérmica funcionaram bem, mais uma vez. Quando pisaram no solo foram recebidos como heróis. As famílias, que choraram na tarde de lançamento, foram chamadas de volta, com cautela. Disseram que a nave estava regressando e que havia, pelo menos, um sobrevivente. A comunicação estava cortada. Não sabiam quantos estavam vivos. A família do novato não acreditou que o filho poderia estar vivo, e não foi. Assistiram pela TV a chegada dos quatro tripulantes. O novato sentiu-se só, em meio a pequena multidão. Foi então que reconheceu Clarissa. Esta não saiu de Cabo Canaveral desde que vira a explosão. Rezou, chorou e agradeceu, pois teve certeza de que se houvesse

apenas um sobrevivente seria ele. Abraçaram-se na certeza de que sempre se amaram, sabendo que jamais se separariam.

– Ei comandante, depois disto tudo, teremos um pouco de férias, não acha?

– Sem dúvida novato! Está dispensado, mas só por uns tempos. Você agora faz parte do espaço e precisaremos de sua coragem para reconstruir a ISS.

– Acha mesmo que as coisas podem mudar, como previu?

– Acho difícil. Agora haverá retaliações à China. Não creio que o desejo de domínio seja algo específico de uma nação, mas faz parte da humanidade. Teremos um episódio a mais para refletir. Quem sabe não podemos aprender?

Saíram cada um para um lado, para ficar com seus familiares. Depois de alguns meses, voltavam à base de lançamento para a primeira viagem que iniciaria a construção da nova Estação Espacial. A tecnologia que levou os tripulantes para além do ponto de retorno, salvando-os, mostrou-se mesmo muito eficiente e seria a nova fonte de energia da ISS. O País emergente, cresceu sua participação no mercado mundial, com geração de energia limpa e já fazia parte, como membro permanente, do conselho de segurança da ONU.

– Ei, novato!

– Ainda me chama de novato, seu rabugento!

– Você sempre será nosso novato. Trouxe mais daqueles feijões

mágicos? Podemos precisar.

– Quem sabe, quem sabe?

# Lima Barreto, o triste cartesiano

Djalma Augusto dos Santos Mello

*“O brasileiro é vaidoso e guloso de títulos ociosos e honrarias chocas. O seu ideal é ter distinções de anéis, de veneras, de condecorações, andar cheio de dourados”.*

*- Lima Barreto, Carta a Assis Viana.*

No dia 13 de Maio de 1881 nascia Afonso Henriques de Lima Barreto no Rio de Janeiro. Filho do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto e da professora Amália Augusta, Lima Barreto nasceu em tempos de escravidão e cresceu em um mundo pós-escravidão sem qualquer perspectiva de um futuro promissor e ele estava certo. Lima Barreto foi um microcosmo da condição racial no Brasil em tempos onde o cientificismo ganhava cada vez mais força na Medicina e até mesmo nas explicações sociológicas.

Seu pai era um respeitado tipógrafo no Rio e era monarquista convicto, trabalhando em importantes periódicos, dentre eles, o afamado Jornal do Commercio, porém saiu repentinamente do jornal em 1907. Tinha como padrinho nos tempos do Império, o Barão de Ouro Preto que circulava em torno de d. Pedro II por causa da sua temperança e fidelidade ao Império. O visconde de

Ouro Preto investiu nos estudos dele, acreditando no potencial dele. Barreto não foi o único filho do casal e a professora Amália Augusta sofreu com complicações de parto, onde deixou-a paralisada, agravando a sua saúde.

João Henriques tentou de tudo para salvá-la, levando-a para ares mais puros, seguindo para o subúrbio carioca, porém pereceu deixando um enorme vazio para a família Barreto, sobretudo, para o João Henriques que já apresentava sinais de crise de nervos. Aos 7 anos de idade, Afonso Henriques de Lima Barreto teve que despedir-se de sua mãe com uma morte precoce, algo que seria a sua sina ao perder a vida tão cedo. Com o apoio financeiro do padrinho visconde de Ouro Preto, Lima Barreto ingressou com notas “satisfatórias” na Faculdade Politécnica do Rio de Janeiro na sua juventude, iniciando os seus estudos em Engenharia Civil. Teve notas que agradou uma parcela de professores na área de Ciências Exatas, mas mesmo assim, não estava nem um pouco satisfeito com os professores que pegavam no seu pé, a exclusão social por não ter o mesmo padrão econômico dos colegas da faculdade e por ser mulato. Arrastou uma pequena parcela do seu tempo em uma instituição que não o agradava.

Estava ali para satisfazer o desejo de seu pai, vendo o filho na condição de “Doutor” e obter um prestígio social. Lima Barreto sonhava em ser escritor por prazer e projeção intelectual.

Escreveu algumas missivas para o seu pai e amigos que fez na cafeteria Papagaio, ponto de encontro de jovens escritores, onde falavam de política e literatura. Aos finais de semana seguia para a Ilha do Governador para encontrar-se com o seu pai que pediu demissão do jornal que trabalhava, após saber que Rui Barbosa o demitiria. Arrumou-se como almoxarife na Colônia de Alienados na Ilha do Governado e lá, Lima Barreto lembrava-se de muitas passagens da sua infância, principalmente, lembranças da sua mãe e da dor da perda, mas lembrava-se também da “mãe branca”, a Princesa Isabel que assinou a Lei Áurea no dia de seu aniversário quando completava 7 anos de idade, no dia 13 de Maio de 1888, onde seu pai e ele foram testemunhas oculares do fim da escravidão no Paço Imperial diante de uma plateia em polvorosa.

Lima: o escritor e leitor

Desde cedo Lima Barreto estava decidido em ser escritor, publicando em folhetins e periódicos textos de forte cunho político, social e literário com pitadas de ironia, uma das muitas características como pessoa e escritor. Tinha como principais desafetos, Coelho Neto e João do Rio. O primeiro era criticado por ter sido considerado prolixo na escrita e essencialmente parnasiano. Simpatizante da aristocracia fluminense, Coelho Neto irritava Lima Barreto ao defender o estrangeirismo, sobretudo, o

futebol, uma atividade esportiva inglesa que ganhou o gosto da aristocracia urbe do Rio de Janeiro. João do Rio era fortemente criticado por ser considerado hipócrita ao relatar as mazelas sociais em seu livro *A alma encantadora das Ruas*, mas mesmo assim, João do Rio que era um dândi, teve uma ótima vendagem nas principais livrarias na Rua do Ouvidor, gerando despeito de Lima Barreto.

Em 1911 Lima Barreto lançava a sua célebre obra *O triste fim de Policarpo Quaresma*, tornando-se um dos principais livros em venda no início da década de 10, mas não foi o suficiente para uma ascensão social e nem ingresso na ABL. Apaixonado pela leitura, Lima Barreto tinha em sua humilde residência um volume de 800 livros, divididos em Filosofia e Literatura em sua biblioteca, “batizando-a” com o nome *Limana*: junção do seu nome com a palavra *mana*, vendo o seu espaço com ares de irmandade. Se autoproclamava cartesiano, tinha livros de Schopenhauer e Nietzsche, além dos clássicos de Shakespeare, autores franceses como Stendhal, Balzac, Victor Hugo e autores russos como Tolstói e Dostoiévski. Em sua *Limana* não faltavam as obras de Machado de Assis ( todos ), José de Alencar ( todos ), Carlos de Laet e a obra *O Abolicionismo* de Joaquim Nabuco.

## O FIM

O pai de Lima Barreto, o João Henriques, teve a sua saúde

abalada após o falecimento de sua companheira. Trabalhando na Colônia dos Alienados na Ilha do Governador, o pai de Lima Barreto entrou em uma paranoia e surtou com contas, que segundo ele estavam erradas, mas nada foi comprovado sobre algum erro, mas mesmo assim, João Henriques adoeceu, se agravando sistematicamente. Cada vez mais amargurado com a vida, Lima Barreto mergulhou no álcool, perdendo amigos e deixando-se levar para o seu maior temor: a sarjeta. Suas efemérides no Diário Íntimo mostravam um homem precocemente envelhecido, cabelos brancos e em um desânimo que o levou para a cama. Seu pai em estado terminal deixou-o aturdido, levando-o ao falecimento no ano de 1922 aos 41 anos de idade. Considerado pré – modernista pelo historiador literário Alfredo Bosi, Lima Barreto foi um crítico do sistema, das prerrogativas da elite carioca e brasileira e criando celeumas perante jornalistas, políticos e intelectuais do seu tempo. Seu pai faleceu dois dias depois do seu falecimento. Foi o triste fim dos Lima Barreto.

### **Bibliografia:**

- BEATRIZ, Resende. Lima Barreto: cronista do Rio. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2017;
- BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2017;

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2003;

SCHWARZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2017.

**VERSO**



# POESIS

Vicente Melo

Mais que o saber empírico  
que amplia a capacidade,  
a poesia é o prazer onírico  
que promove a humanidade.

# CONTEMPORANDO

Vicente Melo

Nós somos o todo: a visão, emoção e razão  
do início ao fim que, aliás, inventamos,  
como pequenos deuses entre nossos sins e nãoos.

Aliás, muito aliás, se bem me lembro  
Cantamos por todo canto, em toda fala ou brado,  
escrito ou explicado, o que foi mal feito  
e o que virá, sonho, nosso medo do presente,  
do espelho reinventado, lapidado e maquiado,

Mas a Divindade esta lá: A culpa, o pretexto e a desculpa.  
Fingimos que é só isso que nos destrói e constrói:  
Um sobe e desce que nunca aparece  
e depois de tentar e brincar, tantas vezes transferir,  
vem um peso oculto ocupar o seu lugar, como dói.

Se não somos os tolos da visão, emoção e razão,  
por que acabar como sabão?  
É só quebrar o espelho e dobrar a esquina da quarta dimensão.

# ALGUMA COISA

Elyane Lacerda

Alguma coisa  
Acontece,  
Explode no interior,  
Desloca,  
Interroga,  
Desatina ao amanhecer.

Alguma coisa  
Indefinida  
Desata,  
Devasta o ser.

Alguma coisa  
Aparentemente leve,  
Mas sólida como um vulcão latente  
Desperfuma

As rosas,  
Os jasmíns,  
As flores do campo.

Alguma coisa  
De imensa dimensão  
Clara,  
Vivida,  
Transluzente,  
Vive no coração dos homens.

Alguma coisa  
Como uma solidão cadente.

# ATÉ QUANDO?

Luiza Pettersen

Na janela do tempo,  
Vejo o tempo passar;  
Sem somar vou sonhando  
E o tempo passando...  
Deixando eu ficar.

Mas nada é eterno,  
Até o mar vira deserto.  
No existir  
da humanidade caminhando!  
Os momentos, eternizando  
Vivendo e amando  
No dogmático do:  
- Até quando?

Nessa correnteza,  
O eterno é agora;  
Pra ser feliz e amar.  
O fogo vira cinzas  
Espalhando-se ao vento  
Registrando a eternizar  
A beleza de um momento.  
Em um lindo amanhecer  
O eterno de viver!

# VAMOS FALAR DE AMOR

Luiza Pettersen

O amor é uma imagem,  
Um quadro iluminado  
na galeria da memória.

Um olhar de ternura  
Abre-se num sorriso  
num aceno que se aproxima  
envolvendo esperança  
do encontro que acredita  
ser o amor da sua vida.

O que é o amor?  
Não existe definição!  
No universo de cada ser  
é a metade que falta  
de um só coração!

Uma hora da madrugada,  
no silêncio  
de uma casa vazia,  
ao escrever a metade  
que lhe falta.

# CONTRASTE

Mércia Christani

Mídia  
Internet  
Globalização  
3º Milênio

Na calçada,  
um menino tem fome.

# TUA VOZ

José Huguenin

Desde antes de existires,  
Imaginava tua voz.  
Dizia-me simplicidades,  
Chaves da felicidade,  
Três letras, tudo de nós.

A notícia de tua chegada,  
Esperada em sua plenitude,  
Deixou-me a alma iluminada,  
Sonho conquistado em plena juventude.

Planos, muitos, os fiz.  
Imaginei teu futuro em segundos.  
Vida sem sobressaltos, feliz,  
Autossuficiente, vivente do mundo.

Traçava livremente tua trajetória.  
Imputava a ti sonhos, querer.  
Sonhos meus, mas que seriam teus.  
Tinha já formada a imagem do que irias ser.

Os traços revelados à tua chegada  
Arrebataram-me logo, de tal forma!  
Não imaginara poder sentir minh'alma  
Assim, tão elevada.

Autodefini-me iluminado.  
Transbordava de felicidade,  
Tu chegaras e trazias contigo  
Uma nova realidade.

Aguardava ansioso, contudo,  
Para conhecer-lhe o timbre,  
As palavras, as chaves para abrir-me tudo.  
As três letras, monossílabo firme.

Mas o silêncio estendeu-se.  
Olhavas fugidio.  
Corrias na ponta dos pés.  
Autocentrado.  
Parecias compenetrado em miudezas.

Nada dizias.  
Levavas, apenas, minhas mãos,  
Autoritário, ao que querias.  
Imaginava que o tempo me faria ouvir-te.  
Autodefesa?

As notícias relacionadas a ti  
Nem sempre foram esplendor.  
Trevas se fizeram quando jogaram luz  
Em teu jeito de ser.  
Não imaginara minh'alma sentir  
Tamanha dor.

Pensei jamais conhecer tua voz.  
Vi-te Autoexilado.  
Distante e para sempre perto de nós.  
Como se tivesses partido sem sair do lugar.

Naquele instante vi a imagem do que serias se apagar,  
Rápido, como um choque bruto.  
Pus-me de luto.

Um novo mundo descortinou-se.  
Aprendia o que jamais imaginei.

Os segredos do universo eram nada,  
Face ao mistério que vislumbrei:  
Uma ínfima diferença em pequenas ramificações  
Faziam-te tão único, diferente, Autossuficiente.

Buscava respostas.  
Buscava alternativa, solução.  
Inquietava-me teu silêncio,  
Tua Autoconcentração.

De tudo que via, nascia esperança.  
Mergulhava surdamente em fatos.  
Renascia cada vez que encontrava apoio,  
Já projetava uma nova imagem diante dos relatos.

Trazia-te junto neste mergulho.  
Tu tentavas evitar contato.  
Percebia que sofrias, me dilacerava,  
Mas não podia poupar-te.  
Tu te foste achegando, parecias querer voltar.  
Como milagre, fruto do amor e fé de tantos,  
As palavras lentamente brotaram, repetidas,  
Como sem significado no começo, mas entendidas.  
De fato, tu não disseste três letras,  
Como em geral sai.  
Disseste cinco!  
Não segurei o pranto  
Quando me chamaste papai!

Planos, muitos, os faço.  
Imagino teu futuro em segundos.  
Vida sem sobressaltos, feliz,  
Autossuficiente, vivente do mundo.

# QUE AMOR É ESSE O TEU?

José Huguenin

Que amor é esse o teu  
Em que te dás inteiramente  
À pessoa amada?

Que amor é esse que não te enxergas,  
Mas somente o que precisa a pessoa amada?  
Que amor é esse, maior que tu,  
Maior que teus sonhos,  
Em que sonhas realizar os sonhos  
Da pessoa amada?

Que amor é esse o teu,  
Em que não vês barreiras  
Para fazer feliz a pessoa amada?

Que amor é esse o teu,  
Que não te faz incomodar a exaustão,  
Que te cobra, ainda, estar fazendo pouco  
Pela pessoa amada?

Que amor é esse o teu,  
Em que te atiras aos leões  
Para salvar a pessoa amada?

Que amor é esse o teu,  
Em que para ti não importa a ti,  
Mas à pessoa amada?

Que amor é esse o teu,

Em que o tempo é dado, apenas,  
À pessoa amada?

Que amor é esse o teu,  
Em que respeitas o silêncio da pessoa amada,  
Mesmo que isso te enlouqueça?

Que amor é esse o teu,  
Em que não precisas de uma palavra  
Para saber que a pessoa amada,  
Sem ti, seria nada?

Que amor é esse o teu,  
Que não cobra a ingratidão aparente  
Da pessoa amada?  
Que não cobra nada em troca,  
Mas fica feliz em poder apenas amar  
A pessoa amada?

Que amor é esse o teu,  
Tão incondicional, tão irracional,  
Instintivo, eterno?

Só poderia ser materno.

# CANTO A MINHA CIDADE

Jean Carlos Gomes

Volta Redonda,  
Menina do Vale,  
Nasceste do nada,  
Pelas mãos dos forasteiros desbravadores,  
Surgiste nas curvas do rio Paraíba do Sul,  
Sem mar, sem onda...

Oh! minha cidade,  
Meu berço,  
Minha terra,  
Minha identidade...

És um pouco projetada,  
Tens alamedas largas, estreitas,  
Longas, curtas,  
Interligadas umas com as outras,  
És um pouco desordenada...

Sou teu filho,  
Um menino pobre,  
Da periferia,  
Do alto Belmonte,  
Sem ascendência nobre...

Ainda sou jovem,  
Um simples rapaz  
Que talvez fique velho,  
Mas por enquanto  
Sou apenas um pequeno sonhador...

Ando nos teus logradouros

Altos e baixos,  
Cheios de contrastes,  
De alegrias e tristezas,  
Molhados pela água da chuva,  
Manchados pela impunidade,  
Pelo sangue da violência diária,  
Pela falta de mais dignidade...

Invento, faço ações pra receber  
As distintas reações que nos cercam...

Vivo, canto o hoje destelhado,  
De paredes tortas, muros sujos,  
Que tentam apagar o teu passado...

Sou aquelas moradas humildes,  
Mas aconchegantes, seguras,  
Dos encontros familiares,  
Com o verde, a sombra das árvores,  
Com o aroma exuberante das rosas,  
Com a tranquilidade dos finais de semana...

Sou essa poluição assassina, alarmante,  
Esse crescimento desordenado que aperta a todos,  
Sufoca, corrompe, às vezes até mata,  
Faz virar amante...

Sou o balançar e o cair das folhas,  
O beijo rápido e suave dos beija-flores,  
O vôo de liberdade dos pássaros,  
A coloração que forma as cores,  
O canudinho do talo da folha de mamão,  
Que faz o sabão em pó virar bolhas...

Sou as raízes, os caules  
Dessas muitas plantas sem denominação  
Vindas de várias partes,  
Que, apesar dos acontecimentos,  
Renascem mais fortes a cada estação...

Sou a dificuldade do cotidiano,  
Desses morros bem elevados,  
Desprotegidos, mal vistos,  
Atacados pelo medo,  
Cheios de queimadas,  
Casas, escadas, escadões,  
Ruas, becos, vielas,  
Matagais, eucaliptos,  
Mangueiras, bananeiras,  
Goiabeiras, jaqueiras,  
Desmoronamentos,  
Enfim, de uma vista panorâmica...

São pisados, pastados,  
Costumam servir de cartão-postal,  
A cada chuva de verão conseguem  
Ficar re floridos, recantados,  
Pois tu és uma Mãe Fenomenal...

Tece minha vida,  
Denomina meu itinerário,  
Escreve em teu diário  
As minhas histórias,  
Lugar dos meus primores,  
Cenário dos meus amores,  
Minha sina,  
Campo da minha lida,  
És a jóia rara da minha mina,  
Com o passar do tempo

Registra a cada dia as minhas memórias...

Vibro, sinto, pois é daqui que sai o alento primordial  
Que me emotiva, me inspira  
E sustenta meu corpo com tratamento cordial...

Sou teu filho,  
Mãe Majestosa,  
Aquele menino pobre,  
Da periferia,  
Do alto Belmonte,  
Oh! Minha cidade,  
Meu berço nobre,  
Minha terra,  
Minha identidade...!

Academia Volta-redondense de Letras  
[www.avl.org.br](http://www.avl.org.br)  
[contato@avl.org.br](mailto:contato@avl.org.br)